

A IMPOSIÇÃO DE UMA PRÁXIS ARQUITETÔNICA NO MODERNISMO

RIBEIRO JUNIOR, Itamar Vicente.¹PASTÓRIO, Maria Heloisa.²SERPA DE SOUZA, Arthur Henrique.³BALDIN, João Felipe.⁴SIMONI, Tainã Lopes⁵

RESUMO

O Movimento Moderno surgiu com um complexo de escolas de que caracterizam a maior parte da arquitetura produzida no século XX. A base do modernismo era praticamente refazer a arquitetura de modo a repudiar toda a arquitetura antecessora ao movimento e assim surgiram escolas arquitetônicas como a Bauhaus. Afim de atingir esse objetivo, o movimento cria uma teoria dos cinco pontos da arquitetura, que aplicada, seria a realização de uma arquitetura perfeita. Infelizmente, tal feito não foi bem sucedido em todo o mundo, muitas obras produzidas nesse tempo foram abandonadas e inutilizadas. Uma explicação para este fenômeno, é a aplicação da teoria e da prática arquitetônica no movimento moderno que explica porque, a prática de uma prática absoluta não resulta em uma arquitetura perfeita.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria, Práxis, Mimese, Arquitetura, Modernismo.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo abordou a Teoria e a Práxis na arquitetura, especificamente a imposição de uma prática absoluta no movimento do modernismo. Justifica-se o tema apresentado por razões do Modernismo, de acordo com Coelho e Odebrecht (2007) ser um conjunto de movimentos e escolas arquitetônicas que passaram a caracterizar grande parte da arquitetura produzida do século XX. O princípio base do modernismo era perfeccionar e reformar a arquitetura de modo a repudiar toda a arquitetura antecessora ao movimento.

Dias (2004) diz que as experiências com uma arquitetura pré-estabelecida foram malsucedidas, uma vez que produziam espaços conceitualmente lógicos. E culpa os problemas na arquitetura e urbanismo de hoje, na atribuição de conceitos lógicos para coisas “abstratas”.

Dessa forma, instiga-se por que a tentativa do modernismo de impor uma prática arquitetônica única não foi bem sucedida? Em resposta à indagação apresentada, formulou-se hipótese de que não é possível conceber um método único de projeto com teoria e prática, uma vez que, se faz necessária a aplicação também da mimese.

Afim de solucionar o problema e lucidar a hipótese citados, o objetivo principal traçado para esta pesquisa foi desvendar as desvantagens de se impor um modelo de arquitetura a ser seguido, analisando o caso da prática do movimento moderno. Para atingir tal objetivo, foi necessário entender

¹ Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: itamarvrj@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: mariapastorio@gmail.com

³ Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: arthurhenriqueserpa@hotmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: gjfbaldin@gmail.com

⁵ Professora orientadora da presente pesquisa. E-mail: tai_lopes@fag.edu.br

os conceitos de Teoria e Práxis e sua aplicação na arquitetura em diferentes momentos e movimentos, contextualizar o modernismo e sua teoria pragmática e exemplificar os conceitos do mesmo em obras deste período, para, por fim, examinar as vantagens e desvantagens desse modelo e verificar se a hipótese levantada é verdadeira.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TEORIA E PRÁXIS NA ARQUITETURA

Kapp (2003) exemplifica a teoria e práxis de forma que, ao realizar um projeto arquitetônico, desde os estudos prévios, até a materialização da obra, em teoria, o desenho contaria com todas as diretrizes e técnicas necessárias para um bom projeto e a construção ocorreria exatamente como prevista. Dias (2004) entende essa colocação de Kapp como se, os conceitos pertencessem à teoria e a mimeses à práxis.

Como visto, em aplicação, teoria e práxis estão altamente atrelados, Kapp (2003) questiona então, por que ainda tentamos separar os dois conceitos e responde no trecho abaixo:

Poderíamos simplesmente assumir que se trata de uma tradição obsoleta, herdada de um tempo em que as atividades no campo da arquitetura se dividiam claramente entre a construção de edifícios e a enunciação, hoje impertinente, de princípios universais por meio de textos (eventualmente acompanhados de exemplos e modelos gráficos) (KAPP, 2003, p. 02).

A relação que Costa (2010) constrói entre teoria e práxis, trata ambas como formas de explorar a mente e os conhecimentos quando abordadas separadamente, porém, quando em conjunto “leva a uma arquitetura metodológica e pragmática, que segue padrões pré-estabelecidos”.

Analisando o conceito de teoria x práxis, como Costa (2010) diz, que aplicando e aliando a teoria à práxis, a arquitetura se torna metodológica e pragmática, portanto acaba seguindo padrões pré-estabelecidos, já que, como Kapp (2003) afirma, ao ser produzido o projeto arquitetônico, desde os estudos prévios, até a materialização da obra, em teoria, o desenho contaria com todas as diretrizes e técnicas necessárias para um bom projeto e a construção ocorreria exatamente como prevista.

A colocação de Kapp (2003) portanto é entendida como se os conceitos pertencessem à teoria e a mimese à práxis, dando a entender que claramente há um vazio, que impossibilitou a continuidade da aplicação. É percebido que a arquitetura moderna surge juntamente com o movimento moderno, que faz com que todas as interpretações anteriores fossem apenas um produto resultante dessa forma

de pensamento, que é justamente impor um novo método universal de projetar repudiando qualquer método já imposto anteriormente, o que acaba deixando explícito novamente, um vazio que impede esse modelo de se tornar universal.

Montaner (2001), explica que esse vazio pode ser explicado com a mimese, que tem o objetivo de romper e diluir as imagens previamente impostas no mundo para promover formas totalmente incomuns e revolucionárias, dedicando-se a estimular a relação entre o receptor e a obra a partir de um ponto de vista dos mecanismos de percepção, como a invenção, justaposição, simultaneidade e conceituação, questionando a própria materialidade e possibilidades de desmaterialização, seja na composição, nas suas estruturas, cores ou formas puras apresentadas durante a obra.

O autor segue afirmando que, conceber e implicar um método único e universal para a arquitetura apenas com a teoria e práxis se torna impossível, uma vez que cada projeto deve ser projetado a fim de resolver características sensitivas às pessoas que eventualmente irão usufruir do espaço em particular, além das condições climáticas, topográficas e cultural de cada local e continente.

2.1.2 A práxis em movimentos arquitetônicos

2.1.2.1 Renascimento

Tendo acontecido entre os séculos XV e XVI o renascimento (MANENTI, 20014) o Renascimento, de acordo com Lima (2008), transformou a “arte de edificar” em uma ciência pragmática, orientada pela razão e lógica científicas. Guiada pelo antropocentrismo, essa ciência exigia que “A sociedade perfeita, formada por homens perfeitos, deveria expressar uma arquitetura que espelhasse esta harmonia” (LIMA, 2008).

De acordo com Domschke (2007) neste período, a formação do profissional dessa ciência é marcada pela liberdade criativa e o método rigoroso mandatório do período. Vê-se então, uma grande valorização das ciências, em especial a matemática que tornou-se essencial para as construções deste período (LANCINI, 2014).

“Para os renascentistas, a arquitetura era uma ciência exata, na qual cada elemento do edifício projetado, seja no interior ou exterior, deve pertencer a uma rigorosa ordem” (LANCINI, 2014, p. 12).

Figura 01 – Tempietto di S. Pietro.



FONTE: Vitruvio.ch, 1999.

Figura 02 – São Pedro, Vaticano..



FONTE: historiasztuki, 2016.

2.1.2.2 Bauhaus

Segundo Argan (1992), a Bauhaus surge na Alemanha em 1919, integrando duas escolas já existentes em Weimar, a Belas Artes e a Escola de Artes e Ofícios de Henri van de Velde. A escola tinha três objetivos principais que dominaram por todo o período de vida da Bauhaus, que eram resgatar as artes em isolamento e encorajar os artesãos individuais a trabalharem de maneira cooperativo, compartilhando e combinando todas as suas técnicas, conhecimentos e habilidades.

O autor segue dizendo que o segundo objetivo era subir o status das peças artesanais, como bules de chá, cadeiras à nível das belas-artes, como a pintura, escultura e etc. e, conseqüentemente surgindo com o Design. O terceiro objetivo era manter o contato com a indústria, numa tentativa de independência do governo através da venda de seus projetos.

Figura 03 – Bauhaus.



FONTE: Architecture Exhibitions International, 2008.

Segundo Domschke (2007), a Bauhaus era completamente voltada à era industrial, os alunos eram incentivados a estudar a função da cor, das texturas, de volumes, etc. além de eventos ligados à percepção e visão. Era academia livre e escola ao mesmo tempo, a escola possuía os melhores estúdios que abrigava os melhores artistas modernos e era frequentado por cerca de quatro mil estudantes nos cursos de artes gráficas e tipografia, obras de madeira e metal, pintura, escultura e etc.

O autor segue afirmando que os construtivistas acreditavam que o arquiteto deveria exibir a mesma tendência de construir totalidades no mundo dos materiais e cognitivos para “garantir” que seu trabalho integrasse os aspectos materiais e cognitivos do mundo, formalizando um método de criatividade funcional, que consistia num conjunto de procedimentos dos quais seriam apropriados objetivamente a totalidade dos fatores que, incidem num projeto, gerando um organismo espacial básico com refinamento técnico e formal.

Figura 04 – Logotipo da Bauhaus.



FONTE: Jantschichold, 2011.

2.2 O MODERNISMO

O modernismo é um complexo de movimentos e escolas arquitetônicas que caracterizam a maior parte da arquitetura produzida durante o século XX. Benevolo (1976) afirma que, não há um idealizador único, seus traços são encontrados em lugares e em origens diversas, como na Alemanha, com a fundação da Bauhaus e a Deutscher Werkbund; nos EUA com Frank Lloyd Wright e no Brasil com Rino Levi e Lúcio Costa. A base do modernismo era praticamente refazer a arquitetura de modo a repudiar toda a arquitetura antecessora ao movimento.

De acordo com Argan (1992), é possível verificar três aspectos principais para caracterizar a Arquitetura Moderna. O que as une é simplesmente o fato delas terminarem no chamado Movimento Moderno, considerado o auge de uma longa trajetória histórica que durou na maior parte do século XX. O autor discorre que, a primeira delas é a que considera que o ideal arquitetônico moderno está diretamente ligado à visão de mundo iluminista. Ela posiciona esse momento de evolução na arquitetura, baseada nas recentes evoluções das tecnologias obtidas durante a Revolução Industrial e com o surgimento de inúmeras propostas urbanísticas apresentadas por recentes teóricos socialistas e utópicos, além dos partidários das cidades-jardins. Nessa primeira característica o esteticismo é secundário, a causa social é muito maior do que a causa estética, é assim que o moderno deveria pensar.

A segunda característica apresentada por Argan (1992), diz que as principais alterações que aconteceram durante o século XIX em relação à teorização e definição da arte e sua associação com a sociedade, com destaque especial ao movimento Arts & Crafts e ao Art Nouveau, que ainda presas às formas e conceitos do passado, ainda propunham, de alguma maneira, uma nova perspectiva para a estética do futuro.

Na terceira, comumente conhecida como a base do modernismo, Benevolo (1976), segue afirmando que a arquitetura moderna surge juntamente com o movimento moderno, fazendo com que as interpretações anteriores fossem apenas um produto resultante dessa forma de pensamento. Gropius (1977), discorre que a arquitetura moderna, portanto, surge com a vasta mutação estética proposta pela vanguarda artística dos anos 10 e 20, especialmente o Cubismo e o Abstracionismo, com os estudos feitos pela Vanguarda funcionalista russa (Bauhaus e De Stijl).

De acordo com Suma (1974), não há como mencionar o modernismo sem citar um dos grandes arquitetos que foi de muita contribuição, juntamente com Gropius, Mies Van der Rohe e outros, Le Corbusier, pseudônimo de Charles-Edouard Jeanneret (1887-1965) foi considerado o mais importante arquiteto do século XX e também o mais influente no movimento moderno, com suas estruturas, ambiciosos projetos urbanísticos, trabalhos teóricos, obras de arte, etc, Le Corbusier revolucionou o jeito de pensar, construir e de “sentir” a arquitetura e a cidade.

Segundo Suma (1974), Le Corbusier tinha um apreço muito grande pelo concreto armado, material essencial para as construções modernas. Seu interesse por tal prática construtiva logo converge para a elaboração do projeto da Maison Dom-ino, elaborado a partir de 1914, em colaboração com o engenheiro Max Du Bois, que também era seu amigo. Elaborado tendo um sistema estrutural simulando uma ossada em concreto armado que permite articular as plantas e as fachadas do edifício independentemente da estrutura e, conseqüentemente com a vinda de novas tecnologias, como o concreto armado, possibilitou que Le Corbusier reinventasse todo o seu repertório tecnológico e propondo um novo leque, introduzindo os cinco pontos da arquitetura moderna, esses pontos são:

1. Os pilotis, que fazem com que o edifício flutue, liberando o solo e tornando-o público;
2. O terraço jardim, que transforma a cobertura em um espaço habitável;
3. A planta livre, resultado da independência estrutural, que flexibiliza a diversidade dos espaços internos;
4. A fachada livre, também resultado da independência estrutural, que possibilita vastas aberturas das paredes externas; e

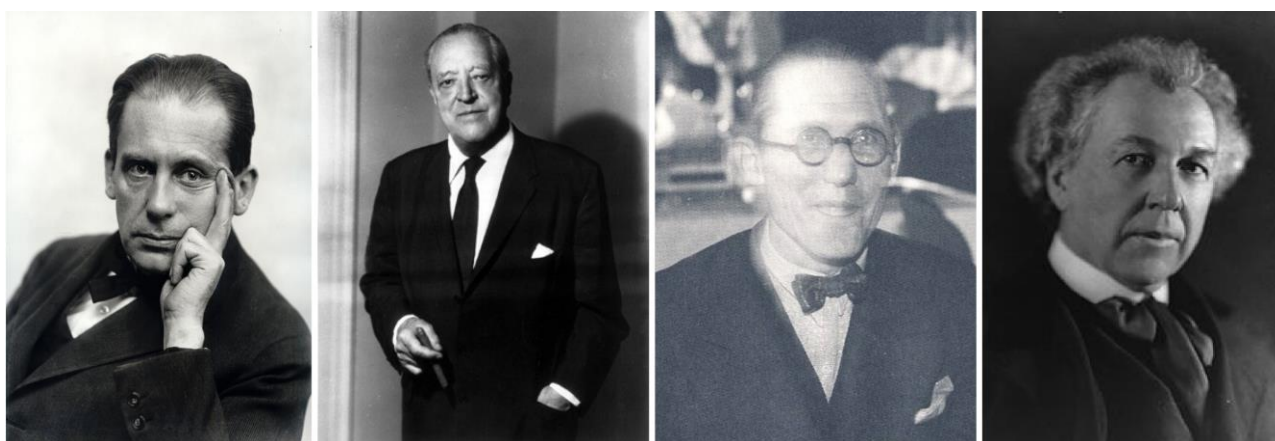
5. A janela em fita, que também é consequente da separação entre estrutura e vedação, permite iluminação vasta e uniforme, além de possibilitar vistas panorâmicas do exterior.

A autora ainda complementa que após montanhas de projetos de habitações padronizadas, produzidas da mesma forma que automóveis, em série, Le Corbusier ainda continuou a aplicar muitos conceitos puristas e dos princípios arquitetônicos à base de sua poética.

Segundo Pain e Piassini (2010), o modernismo não aconteceu apenas no exterior, mas no Brasil também, e teve uma grande influência de vários arquitetos estrangeiros na projeção das obras, como por exemplo, o russo Gregory Warchavchik que projetou a “Casa Modernista” (1929-1930) que ficou eternizada como a primeira casa modernista de São Paulo. Porém, o estilo tornou-se conhecido e aceito pelos brasileiros através dos projetos arquitetônicos de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.

Os autores ainda seguem dizendo que os projetos modernos eram marcados pelo racionalismo e funcionalismo, além de características como formas geométricas definidas, falta de ornamentação (a própria obra é considerada um ornamento na paisagem); a divisão entre estrutura e vedação, o uso dos pilotis tentando assim liberar o espaço abaixo do edifício, panos de vidro contínuos nas fachadas ao invés das janelas tradicionais; a integração da arquitetura juntamente com o paisagismo, e com as outras artes plásticas através do emprego de painéis de azulejo decorados, murais e esculturas.

Figura 05 – Gropius, Van der Rohe, Le Corbusier e Wright. Os vanguardistas do modernismo.



FONTE: Parchment, 2014.

2.2.1 Villa Savoye

Maciel (2000) e Suma (1974) discorrem que, a Villa Savoye, obra do arquiteto Le Corbusier, foi uma residência projetada na região parisiense, no topo de uma colina e circundada por árvores de tronco alto e foi originalmente pensada para ser apenas uma residência de fins de semana para o casal Savoye e seu filho. Essa obra é o marco do modernismo pois foi a primeira vez que Le Corbusier pode inserir e materializar suas propostas apresentadas nos cinco pontos da arquitetura moderna. Embora se tratasse de uma simples casa nobre de subúrbio, o arquiteto utilizou mais uma vez o tema da “Casa como máquina de morar”, perfeita e funcional. Os autores ainda seguem dizendo que, os pontos, idealizados em 1927, orientaram e possibilitaram um repertório muito vasto com as tecnologias construtivas que vinham surgindo na época, como o concreto armado. Le Corbusier adapta todo o seu repertório tecnológico e repropõe como um novo leque arquitetônico, otimizando a utilização diversa das combinações através dos cinco pontos destacados na villa, que apresenta várias analogias à Villa Stein construída em Garches alguns anos antes.

Figura 06 – Villa Savoye – Exterior.



FONTE: Khan Academy, 2011.

Suma (1974), ainda menciona que a casa surge como um paralelepípedo branco sustentado pelos pilotis de concreto armado, como citado acima, que permitiam que o pavimento térreo fosse ocupado, pelo menos uma parte, por áreas de serviço e também uma parte para a circulação dos automóveis.

O autor segue percorrendo sobre a edificação, que passou por uma série de trabalhos de restauração, foi declarada pelo governo francês como um Monumento de Interesse Nacional.

Simon (2016) conta que, as paredes do térreo são pintadas de verde justamente para que a casa pareça uma caixa flutuando nos seus delicados pilotis. A parede branca da fachada e suas janelas em fita deixam a casa com um tom mais suave, mais fluido, bem plano, que contrasta diretamente com a fluidez do interior, que é curvo. Esse dinamismo de espaços dentro da casa a enchem de uma sutileza, que a deixam agradável. O autor continua afirmando que, Le Corbusier sempre tratou o terraço como um quarto sem paredes, refletindo todo o seu desejo de integrar o paisagismo e a paisagem à arquitetura. De acordo com o autor, a Villa Savoye foi a construção mais expressiva do modernismo e do próprio Le Corbusier, pois pode provar toda sua expressão classicista, atemporal e visionária. A integração que a Villa faz do interior e exterior, possibilita o convívio com o exterior da maneira mais eficiente o possível, fazendo com que a própria casa, fosse uma máquina projetada para maximizar o lazer na era da máquina.

Figura 07 – Villa Savoye – Interior.



Fonte: Commons Mtholyoke, 2015.

Figura 08 – Villa Savoye – Terraço Jardim.



Fonte: Bluffton University, 2006.

2.2.2 Pruitt-Igoe

De acordo com Jencks (1977), o Pruitt-Igoe foi todo construído e pensado pelo arquiteto Minoru Yamasaki, em cima dos ideais mais progressistas dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), conquistando prêmios do Instituto Americano de Arquitetos, logo quando foi projetado, em 1951. Eram simplesmente blocos de edifícios com quatorze andares de altura, com o conceito de “ruas elevadas”, que consistiam no lema “sol, espaço e verde”, três complementos essenciais do urbanismo, segundo Le Corbusier. No projeto havia claramente uma separação entre tráfego de veículos e pedestres, como era elevado, as ruas eram seguras contra carros. Era também previsto um espaço de lazer, creches e lavanderias. Além do estilo Purista que pregava, tentava implicar virtudes correspondentes em seus habitantes, a boa forma levava à boa conduta; o planejamento do espaço abstrato a princípio promoveria um comportamento saudável.

Figura 09 – Pruitt-Igoe.



Fonte: The Guardian, 2015.

O autor segue dizendo que, por mais que as ideias fossem tão minimalistas, fundamentadas no Pragmatismo, Racionalismo e do Comportamentalismo, se provaram ser tão irracionais quanto às próprias filosofias que o originaram. Mulvihill (2013) afirma que, o design do Pruitt-Igoe foi claramente deficiente em inúmeros aspectos e é inocente culpar o fracasso apenas no seu design, pois tomar esta posição perpetua o mito modernista que o design pode resolver todos os problemas sociais existentes.

Jencks (1977), diz que, como o projeto, não era muito funcional em relação à crimes, o Pruitt-Igoe foi extremamente vandalizado e mutilado pelos cidadãos locais de St. Louis, Missouri e, mesmo com milhões de dólares aplicados tentando mantê-lo vivo, com infinitas reformas, depois de 20 anos de pé, o conjunto foi destruído com dinamites. Esse acontecimento demarcou a morte da Arquitetura Moderna, reflete todas as falhas da imposição de um método prático absoluto para a arquitetura.

Figura 10 – Pruitt-Igoe – Demolição.



Fonte: Financing Small Cities, 2016.

3. METODOLOGIA

O artigo contou com a metodologia da revisão bibliográfica e da análise de dados. Para Marconi e Lakatos (2013) a análise de dados consiste em os dados apresentam respostas à pesquisa, relacionando assim o fenômeno estudado e outros fatores. Já Gil (1991) considera que a revisão bibliográfica trata-se de trabalho desenvolvido exclusivamente a partir de material elaborado, construído de livros e artigos científicos.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Como visto, a práxis imposta a aplicação da arquitetura é algo emprego desde o século XIV, como Renascimento onde os arquitetos projetavam de forma matemática para alcançar a simetria e perspectiva humana. Nas escola de Bauhaus, ela era exercida de forma industrial, voltada ao design de interiores, de objetos e móveis.

Sendo assim, analisa-se que, a práxis de maneira restringida é imposta com o objetivo de se atingir a perfeição, para consequência de um produto único e de identidade marcante.

No Modernismo, tal feito é realizado de maneira que, a arquitetura produzida neste momento seguia ordem funcional e racionalista, obedece pontos e diretrizes impostas pelo movimento moderno. Tais pontos podem ser claramente vistos na Villa Savoye, um projeto executado puramente dentro dos padrões modernistas com maestria.

Outro projeto que marca o movimento moderno é o Pruitt-Igoe, este, por sua vez, sofreu com o rigoroso método imposto pelo Modernismo. Seu projeto padece de deficiências em fatores que, se analisados, medidos e pensados especificamente para o contexto em que o projeto estava inserido, talvez não passasse pelo mesmo declínio.

Tais efeitos podem ser explicados analisando os textos de Dias (2004) e Kapp (2003) sobre a práxis, onde dizem que, uma arquitetura imposta não é bem-sucedida uma vez que produz espaços lógicos. Os próprios autores dizem que isso ocorre por falta da mimese na concepção do espaço arquitetônico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do tema da teoria e da práxis na arquitetura, o presente artigo buscou abordar o motivo da tentativa do movimento modernista de impor uma práxis arquitetônica única não foi bem sucedido.

Para tal feito, através da pesquisa bibliográfica, requereu-se o estudo sobre os conceitos de teoria e de práxis na sua aplicação a arquitetura e o uso dela em diferentes épocas arquitetônicas e também sobre o Modernismo como movimento manifesto na arquitetura, bem como sua aplicação prática em obras concretas. Tais pesquisas possibilitaram embasar a análise do presente artigo que foi realizada por intermédio de análise de dados.

Conclui-se então, a partir das análises, que a imposição de uma arquitetura única, não é exclusiva do movimento em principal estudo deste artigo. As diretrizes da criação e execução de uma nova arquitetura através da aplicação de uma práxis única e regente pregada pelo Modernismo, não acabou bem sucedida por razões de que a aplicação e criação da arquitetura necessita da mimeses, afinal, cada projeto deve conter características sensitivas às pessoas que irão usufruir do espaço em particular, que pode ser diferente em cada projeto, além das condições climáticas, topográficas e

cultural de cada local e continente, dessa forma, um sistema único de produção arquitetônica barra a aplicação dessa mimese.

Verifica-se que a hipótese levantada ao início desta pesquisa na qual dizia que não é possível conceber um método único de projeto com teoria e práxis, uma vez que, se faz necessária a aplicação também da mimese, é verdadeira. Porém, deixa discussão para a realização de uma pesquisa que possa analisar também o uso desta práxis em outros momentos da história da arquitetura.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlos. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992;

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976;

COELHO, Alessandra; ODEBRECHT, Silvia. **Arquitetura moderna: reconhecimento e análise de edifícios representativos em Blumenau, SC**. 2007. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/dynamis/article/viewFile/370/347>;

DIAS, Solange Irene Smolarek. **Teoria e Praxis na Linguagem da Arquitetura - Parte Final da Comunicação Coordenada Intitulada: Teoria, Praxis, Conceito e Mimesis - Um Exercício na Linguagem da Arquitetura**. In: III Seminário de Literatura História e Memória: Confluências Estéticas entre as Literaturas no Brasil e na África. UNIOESTE 10/2004, 2004, Cascavel - PR. Caderno de Resumos. CASCABEL - PR, 2004;

DOMSCHKE, Vera Lúcia. **O ensino da arquitetura e a construção da modernidade**. 2007. Tese (Doutorado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.16.2008.tde-31052010-140422. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-31052010-140422/pt-br.php>. Acessado em: 17 de nov. 2016;

GROPIUS, Walter. **Bauhaus: Nova Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1977;

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3ª Edição. São Paulo: Atlas, 1991;

JENCKS, Charles. **The Language of Post-Modern architecture**. [tradução, edição e notas: Silvio Colin]. Londres. Academy Editions, 1977. Disponível em: <https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/05/27/a-morte-da-arquitetura-moderna>. Acessado em: 20 de nov. 16;

KAPP, Silke. **Teoria, Praxis, Conceito, Mimesis**. I Seminário Nacional sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura. RN/ Brasil. PPGAU-UFFN. 2003. Disponível em: <http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/1110/1/MR10.pdf>. Acessado em 08 de ago. 16;

LANCINI, Giulia Carvalho. **Brunelleschi e o Desenho de arquitetura**. Instituto de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo São Carlos, 30 de Julho de 2014. Disponível em: <http://www.iau.usp.br/pesquisa/grupos/nelac/wp-content/uploads/2015/01/Relatorio-final-Brunelleschi-e-o-desenho-arquitetonico.pdf> Acessado em 17 de nov. 16.

LIMA, Felipe de Andrade Abreu e. **Os princípios arquitetônicos do renascimento italiano**. VEREDAS FAVIP - Revista Eletrônica de Ciências - v. 1, n. 1 - janeiro a junho de 2008. Disponível em: <http://www.institutoabreuelima.com.br/wp-content/uploads/2015/09/Os-Princ%C3%ADpios-Arquitet%C3%B4nicos-do-Renascimento-Italiano.pdf> Acessado em 17 de nov. 16.

MACIEL, Alberto M. **Arquitetura e Complexidade: Le Corbusier e a consideração do homem**. EA-UFGM, 2000. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.024/785>. Acessado em 17 de nov 16;

MANENTI, Leandro. **Intervenções reabilitadoras do período renascentista italiano**. Leandro Manenti; orientador Cláudio Calovi Pereira; co-orientador José Arthur D’lô Frota. – Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 2004.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução, análise e interpretação de dados**. 7ª Edição. São Paulo: Atlas, 2013;

MONTANER, Josep Maria. **A Modernidade Superada: Arquitetura, Arte e Pensamento do Século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, AS, 2001;

MULVHILL, Daryl. **Documenting the Myths of Modernism**. 2013. Disponível em: <http://www.failedarchitecture.com/documenting-the-myths-of-modernism/>. Acessado em 21 nov. 2016;

PAIN, Ana e PIASSINI, Diogenes. 2010. “**Arquitetura Brasileira: O Movimento Moderno**”. Disponível em: <https://arquiteturadobrasil.wordpress.com/7-o-movimento-moderno-3/>. Acessado em: 18 de nov. 2016;

SIMON, Malka. **Khan Academy – Le Corbusier, Villa Savoye**. 2016. Disponível em: <https://pt.khanacademy.org/humanities/art-1010/architecture-20c/a/corbusier-savoye>. Acessado em 17 nov 2016;

SUMA, Stefania, 1974-. **Le Corbusier** / Stefania Suma; [tradução: Wally Constantino]. – 1. Ed. – São Paulo: Folha de S. Paulo, 2011. 80 p: il. (Algumas color.); 26cm. – (Coleção Folha grandes arquitetos; v. 5);